

A CORRESPONDÊNCIA DE MÁRIO E A "FELICIDADE" NO CREDO MODERNISTA

*Matildes Demetrio dos Santos**

RESUMO

Este é um trabalho que traz à cena das discussões literárias alguns temas tratados na correspondência ativa de Mário de Andrade. No efeito de leitura das cartas, é possível surpreender a disseminação do credo modernista, a questão da "felicidade" e a polêmica com Graça Aranha e Oswald de Andrade. Rastrear e analisar tal diversidade é o objetivo deste trabalho.

Unitermos: Epistolografia; correspondentes de Mário de Andrade; Modernismo; filosofia de Nietzsche.

Mário de Andrade, o escritor de cartas

Este é um trabalho que traz à cena das discussões literárias alguns temas tratados na correspondência ativa de Mário de Andrade, escrita entre 1922 e 1945, tendo como destinatários, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Oneyda Alvarenga, Henriqueta Lisboa, Paulo Duarte, entre muitos outros.

No efeito da leitura das cartas, certas questões rompem, muitas vezes, o limite estreito do discurso epistolar e ganham a dimensão de um artigo literário ou de uma obra de estética, podendo servir até como suporte teórico, para a compreensão do que aparece extremamente enigmático na obra literária do autor.

Além disso, através da correspondência é possível também rastrear posicionamento e surpreender momentos em que o remetente se

* Professora de Literatura Brasileira da Universidade Federal de Viçosa (MG).

desnuda para o outro, projetando o que estava escondido ou o que o preocupava no momento.

Deste modo, penetrar na intimidade de cartas alheias é esbarrar permanentemente no inesperado. Mário é o pensador-poeta da vida e da estética, que concilia a inventividade dionisíaca a um exaustivo e apolíneo esforço de realização. Escrever, para ele, é um ato singular, como toda criação, sujeito aos inúmeros meandros da linguagem, do pensamento e da ação.

Para o Mário das cartas, é fundamental manter vivo e palpitante o elo de amizade e admiração para com o destinatário, a fim de que a sinceridade aflore naturalmente e não haja recuos diante da crítica que incomoda ou do elogio que possa parecer estudada bajulação. Aqui e ali, na sua ilimitada correspondência, o missivista cumpria o destino de instruir e dar-se aos outros com a mesma seriedade cultivada em seus poemas e estudos. A Pedro Nava dava lições de poesia. Com Fernando Sabino discutia a posição do artista que precisava ganhar a vida através de sua arte. Nas cartas a Rodrigo Mello Franco de Andrade deixou o seu esforço para alargar o conhecimento de um Brasil desconhecido para a grande maioria dos brasileiros. Dialogava com Murilo Miranda sobre delicadas posições políticas e ideológicas. E tanto para um lado como para outro, desnuda-se, angustia-se, desdobra-se, conta que está sofrendo, pede que o agüentem, expõe chagas e feridas. Em uma carta para Henriqueta Lisboa, ele próprio explica porque tanta carta e tantos destinatários: "sou um esparramado, pareço cozinheira, italiana de cortiço, pobre de esquina que levanta a camisa para mostrar as berevas do torso" (1).

Pouco ou muito, a cada carta, Mário se fragmenta e se recompõe. É um homem que tem em alto grau o sentimento da vida, da multiplicidade e do prazer que se pode encontrar "numa boa caminhada a pé até o alto da Lapa como numa tocata de Bach" (2).

É seguramente nesse ponto que reside o segredo da fascinação exercida pela correspondência de Mário de Andrade: por intermédio de seus correspondentes, ele faz a montagem de sua própria personalidade, fixando no tempo e no espaço o caminho percorrido. Aos olhos de cada destinatário, ele se individualiza, levanta o véu que encobre sua figura múltipla, escolhe o ângulo certo e se deixa retratar, fornecendo ele mesmo o testemunho mudo e vigilante de seu eu. São destinatários a perder de vista e, com todos eles, Mário se reconstitui ami-

1 ANDRADE, Mário. *Cartas de Mário de Andrade a Henriqueta Lisboa*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1990, p. 7.

2 São palavras de Mário a Carlos Drummond de Andrade na tentativa de fazê-lo compreender que a felicidade existe quando os opostos são conciliados: caminhada a pé = tocata de Bach. Cf. ANDRADE, Mário de. *A lição do amigo. cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1982, p.4

go, crítico, ensaísta, professor, "provocador". Mercê de sua sensibilidade, reage às peculiaridades psicológicas, culturais, políticas e geográficas de cada um dos correspondentes. A emoção que transpira nas páginas a Henriqueta Lisboa contrasta com a "racionalidade" dos temas discutidos com Oneyda Alvarenga. A atitude de mestre adotada com Carlos Drummond de Andrade em nada se parece com a postura de discípulo ansioso que escreve a Manuel Bandeira para saber a opinião sobre seus poemas. Sua dependência de Murilo Miranda chega a surpreender tendo em vista a diferença de idade e educação que existia entre eles. Da mesma maneira, certos temas também podem ser agrupados de acordo com o correspondente em questão. Nas cartas da década de vinte, a correspondência com Bandeira e Drummond serve para aferir o que Mário e seus companheiros modernistas estavam pensando e fazendo naquele tempo. Na década de trinta, o intelectual aceita o cargo de Diretor do Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo e acredita que vai sistematizar o credo modernista. As cartas a Oneyda Alvarenga e Murilo Miranda tratam da relação do artista com o poder. As dos últimos anos fotografam um Mário cético em relação aos velhos companheiros de luta, angustiado com a política autoritária do Estado Novo, alquebrado pela doença e dividido entre a missão de aconselhar os escritores mais jovens, Fernando Sabino, Guilherme de Figueiredo, a escrever uma obra.

Enfim, a questão concreta e prática que ressalta aos olhos é que a correspondência de Mário de Andrade acrescenta dados relevantes à história do modernismo brasileiro oficial pela força instigante de milhares de cartas dirigidas a um grande número de escritores. São cartas incisivas, contraditórias, didáticas, alegres, doloridas, entusiasmadas, dramáticas e missionárias, escritas por quem de fato viveu, participou e documentou toda uma fase de vanguarda estética e ideológica da vida nacional. À propósito, Mário não descartava a idéia de estar fazendo a história e invocava a correspondência como uma fonte de pesquisa substancial para o estudo da cultura brasileira e sua ressonância na contemporaneidade do século XX. Em um artigo de 1944, ele afirma:

"Tudo será posto a lume um dia, por alguém que se disponha a realmente Fazer a História. E imediato, tanto correspondências como jornais demais documentos não opinarão como nós, mas provocarão a verdade." (3)

A carta seria, autoconscientemente, o pacto do intelectual com a história político-literária do Brasil. O leitor não seria apenas um espectador como nos livros oficiais, mas co-produtor participativo, pois o texto que tem em mãos explicita o seu processo enunciativo, recoloca questões, revê limites e possibilidades, aponta paradoxos, reproblematisa o período e suas produções de uma forma dinâmica,

3 ANDRADE, Mário de. *Cartas da Anita Malfatti*. Rio de Janeiro, Forense, 1989, p.6.

questionável e divergente, numa dimensão bem diferente dos textos que falam da História como verdade única e inabalável. Assim, o misivista percorre labirintos, espalha fragmentos, deixa pistas pelo caminho na certeza de que tudo será resgatado num trabalho incessante e inventivo. Além do mais, trata-se de um intelectual cômico das exigências de sua arte, que reivindicou para si a espinhosa tarefa de construir e formar uma nova Inteligência artística, cultural e política no país.

Neste ponto, a correspondência funciona como um meio de pesquisa realmente significativo, adquirindo valor e estatuto de um documento histórico, pois a escrita das cartas registra muitas das transformações profundas da história política e literária de quase três décadas; mesmo levando-se em conta a rigidez interpretativa de Mário, aliada à defesa apaixonada de suas convicções. O conceito de "felicidade", defendido nas cartas e tematizado na poesia, é uma maneira particular de responder a uma profunda articulação entre literatura e realidade.

Em torno da questão da "felicidade", gravitam temas como brasilidade, universalismo, fraternidade universal, vivência religiosa integral que, reunidos, fazem parte de um projeto político ideológico mais amplo, capaz de conter toda uma leitura crítica sobre a cultura brasileira. Na esteira deste conceito, afloram ainda as divergências com Graça Aranha e Oswald de Andrade, sobretudo no que diz respeito ao caminho a ser seguido pela literatura nacional em busca de sua verdadeira autonomia e modernidade.

A questão da "felicidade" e o projeto modernista

Abrindo espaço para uma reflexão acerca da "felicidade", dentro do programa de divulgação do credo modernista de 1922, Mário de Andrade procurava não só a reatualização do Brasil em relação aos modelos culturais e artísticos importados do exterior, como também se preocupava em buscar as raízes nacionais, valorizando o que havia de mais autêntico no país.

No primeiro desafio a ser vencido, era preciso acabar com a influência de toda uma tradição estética européia, ancorada no mundo-verdade de Anatole France. Isso significava que, por muito tempo, os escritores brasileiros cultivavam o pessimismo, a dúvida atroz e a estéril adaptação ao mundo como princípios de vida e estética. Por certo, ele percebia na influência anatoliana um mal que contaminava os moços de sua geração, tirando-lhes a vontade de agir, tornando-os infelizes, contaminados que estavam pela "doença de Nabuco" (4).

4 De acordo com a definição de Mário de Andrade, "a moléstia de Nabucus" impedia o trabalho de abasileiramento do país, pois os intelectuais viviam com os olhos voltados

Com freqüência, as cartas a Carlos Drummond de Andrade, a partir de 1924, colocam em xeque a posição anatoliana, assim como era aceita, procurando anulá-la completamente. Naquele tempo, o poeta mineiro afirmava a sua devoção e agradecimento ao mestre francês que o ensinou a "duvidar", a sorrir e a não ser "exigente com a vida." (5) Ao ler isso, Mário ficou furioso e, determinado a acabar com a supremacia espiritual da França sobre os poetas brasileiros, escreve uma longa carta, onde afirma que Anatole representava o desinteresse, a inteligência estagnada, o diletantismo — tudo o que não se devia querer no Brasil moderno. Além disso, Drummond, como um jovem principiante, não deveria insistir na imitação do que já era, mas criar perspectivas próprias, fixar objetivos e reta, como um ser brasileiro, diferente por natureza do europeu. Por isso retruca:

"Mas meu caro Drummond, pois você não vê que é esse todo o mal que aquela peste amaldiçoada fez a você! Anatole ainda ensinou outra coisa de que você esqueceu: ensinou a gente a ter vergonha das atitudes francas, práticas e vitais. Anatole é uma decadência, é o fim duma civilização, que morreu por lei fatal e histórica. Não podia ir mais pra diante. Tem tudo que é decadência nele. Perfeição formal. Pessimismo diletante. Bondade fingida porque é desprezo, desdém ou indiferença (...) Fez literatura e nada mais. E agiu dessa maneira com que você mesmo se confessa atingido: escangalhou os pobres moços fazendo deles uns gastes, uns frouxos, sem atitudes, sem coragem, duvidando se vale a pena qualquer coisa, duvidando da felicidade, duvidando do amor, duvidando da esperança, sem esperança nenhuma, amargos, inadaptados, horrorosos. Isso é que esse filho-da-puta fez. (...) Você diz que ele ensinou você a não ser exigente com a vida... Com isso! Se você se confessa um inadaptado e tem um errado desprezo pelo Brasil e os brasileiros." (6)

Sem poupar argumentos, Mário de Andrade passa a discutir, em sua correspondência, a fundação de uma escola moderna, presa a um projeto cultural renovador, onde a arte não é rota de fuga, mas um modo de integrar-se à vida e à existência palpáveis. Trata-se da defesa de um novo estado de espírito, apoiada na crença inabalável de que a arte tem uma função literária e integradora, caso tenha como base, o saber do artista moderno, ligado à noção de alegria.

Num contexto, a alegria aparece como uma aprovação incondi-

para a Europa, indiferentes aos problemas nacionais. Cf. ANDRADE, Mário. *A lição do amigo*: Op. cit. p. 15-16.

5 Idem. *Ibidem*. p. 12

6 Idem. *Ibidem*. p. 12-13

cional a toda e qualquer forma de existência. O homem alegre, ao contrário do homem anatoliano, descobriu-se livre da servidão milenária imposta a si e preocupa-se em viver de verdade a vida, adaptando-se a ela com seriedade e equilíbrio. O prazer, escrevia ele para Drummond, estava em dar importância ao que se faz, numa articulação harmoniosa dos opostos, visando à totalidade, religado a tudo o que existe. Num determinado trecho da carta de dez de novembro de 1924, ele traça o perfil de sua personalidade como um tipo ousado, que não tem receios de experimentar tudo o que a vida lhe oferece: "Eu sempre gostei de viver, de maneira que nenhuma manifestação da vida me é indiferente." (7)

O viver do artista moderno seria uma mistura dionisíaca onde não há lugar para a perversa separação entre vida e corpo, vida e poesia, espírito e matéria, prazer e dor, morte e vida. O saber-viver comportaria positivities e negatividades. As contradições e tensões inerentes à própria vida não devem ser um empecilho à felicidade. As palavras de Mário definiam a sua tática de ação para a derrubada dos velhos preceitos que norteavam "certos moços" brasileiros de tendência modernista:

"Pra felicidade inconsciente por assim dizer física do homem comum qualquer temor qualquer dor é empecilho. Pra mim não porque pela minha sensibilidade exagerada, pela qual eu conheço por demais, a dor se verifica, a dor me faz sofrer, a dor acaba, a dor permanece na sua ação benéfica histórica moral, a dor é um dado de conhecimento, a dor é uma compreensão moralizante da vida, a própria dor é uma felicidade. E sabe qual é o resultado de tudo isto? É que a gente se torna feliz dentro da vida meu caso, é um conceito não egoístico porém maravilhoso condescendente que faz da gente uma criança." (8)

Desse modo, o raciocínio de Mário procurava sempre ajustar contas com o real e esse novo modo de encarar a realidade exigia, por parte do sujeito, o esforço de desassociar palavras que comumente aparecem vinculadas, como é o caso de confundir *infelicidade com dor/sofrimento* e associar *felicidade* unicamente ao *prazer*. Segundo ele, o indivíduo que assim procedesse afastava-se da noção exata de felicidade. O contrário de felicidade é infelicidade; não é dor nem sofrimento. Por isso é que "a própria dor é uma felicidade" (diz o verso de *Losango cáqui*), se coincidir com a vontade consciente, corajosa e voluntária do sujeito. E o sofrimento que pode resultar da luta pela realização de um ideal, não é *infelicidade* — é dor. Nesta ótica, a dor

7 Idem. *Ibidem*. p. 3-4

8 Idem. *Ibidem*. p. 37-8.

passa a ter um valor positivo e não mais negativo, anulando o conflito: tudo o que acontece ao homem passa a ser bom e pode trazer felicidade.

Com efeito, a "felicidade" mariana apresenta-se como uma filosofia lúcida e positiva, animada por um espírito crítico, desmistificador que utiliza sua inteligência para dissipar todas as ilusões que podem impedir o homem de pensar livremente. Tem pontes de contato com a filosofia nietzscheana do "espírito livre", documentada no livro *A gaia ciência* (9). Lá a sabedoria do espírito livre é comparada a uma sabedoria de águia que se lança por cima de tudo o que está estabelecido. E a sua frieza e desconfiança significam uma negação que prepara o terreno para a chegada de uma afirmação. Assim, quando Nietzsche lança um olhar desabonador sobre a metafísica, a moral e a religião, ele denuncia suas formas silenciosas de opressão e revela que o homem organiza sua vida e se deixa prender por crenças, leis e princípios criados por ele mesmo. A única forma de fugir à opressão, diz o filósofo, é possuir o espírito livre, pois só ele é capaz de conduzir o homem à liberdade de pensar e agir sem o deslumbramento ilusório.

Com esse pensamento, Mário passa a criticar a pregação teórica da alegria desenvolvida por Graça Aranha, em *A estética da vida* (10), vendo nela o preconceito sob a forma de um exagerado otimismo.

No livro, o romancista maranhense analisa as relações do espírito humano com o universo. Vendo nessa relação a trajetória fundamental da existência humana. A permanência no regime da alegria estaria na valorização da arte, do amor, da filosofia e da religião. Só através desses elementos, o homem conseguiria eliminar a dualidade eu-cosmos, superando o terror e a dor da diferenciação. Em outras palavras, só transformando os valores da existência em valores estéticos, o melancólico homem brasileiro seria capaz de participar do todo universal, passando a viver em um estado de inconsciente e perpétua alegria. Como ele mesmo escreve:

"A alegria só se pode realizar em sua plenitude pela interpretação do universo como um magnífico espetáculo e não menos como puros, simples elementos estéticos da indefinível vida universal" (11).

Esses princípios essenciais à instauração da alegria soavam aos ouvidos de Mário como uma outra espécie de "terror" filosófico, que

9 NIETZSCHE, F. *A gaia ciência*. Trad. de Alfredo Margarido. 3. ed. Guimarães, Lisboa, 1984.

10 ARANHA, Graça. *A estética da vida*. Rio de Janeiro, Garnier, s.d.

11 Idem. p. 33-4.

acabara por negar a verdadeira alegria, por contrariar as leis naturais da própria vida, colocando os prazeres terrestres fora da vida, transformando em beleza toda e qualquer emoção, tentando resolver tudo via-literatura. Na verdade, as propostas adotadas por Graça Aranha para a modernização do ambiente cultural brasileiro, apesar de atraentes, não passavam de uma revolta erudita demais que terminaria no radicalismo oposto da vertente anatolina: substituíam-se o ceticismo pela maneira de "ser alegre". O "moderno" Graça com sua filosofia era incapaz de ver a dor e o sofrimento com *alegria*. Neste ponto, reforça Mário, ele é tão passadista quanto os que insistiam em ter as idéias de Anatole France no Brasil do século XX:

"Começo a achar que o Graça é o sujeito que mais mal me faz na minha vida porque trouxe o problema da alegria pro Brasil. A verdadeira alegria nem sabe que é alegre. Eu não sabia que era alegre. Agora é que sei. Felizmente é que pude vencer o preconceito da alegria por causa da minha intensa vida. Amém!" (12)

A revolta de Mário de Andrade contra a "alegria do Graça" tem como efeito um debate epistolar acirrado. Para princípio de conversa, negava a originalidade de *A Estética da vida*, dizendo tratar-se de uma "síntese mal feita de filósofos orientais", com a pretensão de querer renovar o Brasil sem perceber a verdadeira realidade das coisas.

Da mesma forma, o elitismo de Graça leva-o a eleger o intelectual moderno, dinâmico e atlético como o único ser que, dotado de uma força espiritual, é capaz de agir esteticamente, dando forma, cor e luz ao universo. A euforia no final do artigo, "Mocidade e estética", revela todo o preconceito daquele que acreditava que o patrimônio da inteligência e a hegemonia das decisões pertenciam, exclusivamente, aos jovens conscientes de sua energia, vigor físico e atletismo:

"Armados desta força espiritual, os chefes desta revista, jovens de vinte anos, colocaram-se esteticamente para impávidos modernizar, nacionalizar e universalizar o espírito brasileiro. A estética é uma filosofia de novidade, porque só a mocidade sabe e pode vencer o terror e transformar tudo em alegria." (13)

A filosofia de valorização do "atleta" e o regime da "perpétua alegria" reforçam a idéia do mesmo, restringindo o prazer à área corporal, excluindo da idéia de felicidade os temores, inquietações e sofrimentos. Para os amantes da terra, como Mário, não há nunca o mes-

12 ANDRADE, Mário de. *Cartas a Manuel Bandeira*. Rio de Janeiro, Tecnoprint, s.d. p. 57 (Presépio, 11.459).

13 ARANHA, Graça. Mocidade e Estética. *Estética*. Ano I, v. 1. set. p. 11, 1924.

mo caminho, mas a coragem de resolver tudo "num dado de conhecimento e num fenômeno psicológico de compreensão" (14).

É exatamente, enquanto se debatia a questão da nacionalidade, que a oposição entre os autores se torna muito séria. Havia, entre eles, dois pontos comuns: a necessidade de romper com o artificialismo do passado e a urgência em libertar o Brasil, política e literariamente, da influência européia. Acontece, no entanto, que Graça partia das *idéias para a realidade*, enquanto Mário e outros modernistas partiam da *realidade para as idéias*.

Graça Aranha, com seu monismo imanentista e seu otimismo numa mocidade politicamente progressista e num futuro libertário para a literatura nacional. Isto sem abdicar de sua herança simbolista e oratória. No fundo, o excesso de intencionalidade não passa de uma idéia pré-concebida romanticamente do que *devia ser* o Brasil, sua arte e sua política.

Numa visão diferenciada, o jovem modernista rechaçava essas idéias, partindo com "olhos nus" para o que era *de fato* o Brasil. No lugar da alegria preconceituosa e da erudição, com ares de "regionalismo besta", Mário coloca em questão a *sabença*, privilegiando o estudo e a sabedoria com meios eficazes para a criação de uma arte nacional. Com interesse e perseverança, mergulha fundo no trabalho de pesquisa, levantamento e notas sobre música, danças, costumes, culinária, compondo um painel rico e variado sobre os muitos aspectos do folclore regional do país.

Nesses momentos o autor dá provas de vivenciar realmente a "alegria", sacrificando a glória de escritor célebre, que já era, pelo transitório do trabalho da construção e concepção de uma cultura brasileira. É também com este espírito empreendedor que assume a direção do Departamento de Cultura em 1935, motivado pela idéia de fazer da arte um bem comum, assumindo de maneira apaixonada a vocação mística de servir (15).

No entanto, os momentos seguintes ao encaminhamento do tema da brasilidade, dentro da correspondência marioandradina, indicam a presença de um interlocutor discreto, mas muito mais radical ao pensamento de Mário do que Graça Aranha: Oswald de Andrade.

No ideário subversivo de Oswald, a totalidade e a harmonização dos opostos são impossíveis. Ele é o pensador da diferença que nega a

14 Esse é o trecho de uma carta para Carlos Drummond de Andrade de 27-V-25, quando Mário critica o conceito de vida que pregava. Graça Aranha. Op. cit. p. 37.

15 É desse modo que Oneyda Alvarenga explica a seriedade e a paixão com que Mário de Andrade abraçava tudo o que fazia. Cf. ANDRADE, Mário e ALVARENGA, Oneyda. *Cartas*. São Paulo, Duas Cidades, 1983, p. 47.

erudição e a civilização, buscando como opostos a esse todo institucionalizado, o riso, a chacota e a noção ignorância.

No manifesto Pau-Brasil de 1924, Oswald vislumbrava uma realidade nacional primitiva e original, oculta por anos e anos de falsa erudição e imposição acadêmica. "Acertar o relógio império da literatura nacional", "a reação contra todos as indigestões de sabedoria", "apenas" brasileiros de nossa época — são princípios do manifesto que surpreendiam por sua propriedade, malícia e ares de revolta, e não escondiam o desejo de fazer o país atrasado encarar suas contradições e misérias para depois caminhar decisivamente para a modernidade.

Reconhecia a benéfica influência estrangeira ao lado do nosso atraso cultural. Tínhamos a floresta e a escola. O progresso material e o lirismo primitivo. Éramos um país de doutores e também de "barbáros, crédulos, pitorescos e meigos." (16)

Em vários trechos da correspondência com Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade, principalmente, Mário repudia o manifesto atribuindo-lhe um caráter demolidor, como um texto que abala a harmonização do todo, colocando em questão o saber adquirido e a tradição cultural de um povo.

Na verdade, o que Oswald de Andrade estava propondo era a destruição das falsas sabenças, para se chegar, através da *ignorância* (no sentido etmológico), a uma outra realidade subjacente que era preciso atingir, para a reconstrução de uma nova cultura. Na defesa dessa filosofia, o Pau-Brasil se transmutará em Antropofagia, tornando impossível qualquer tentativa de conciliação entre os dois autores.

Segundo Oswald, a Antropofagia é um modo de se pensar o mundo que se fixa na fase primitiva da humanidade. Não se trata de canibalismo, que devora por gula ou para saciar a fome. Trata-se de um ato ritual. Na lei do antropófago, não há nenhum compromisso com a ordem social estabelecida, seja religiosa, política ou econômica. O retorno ao Brasil não é um movimento passivo, onde os problemas de atraso e dependência externa podem ser abrandados de um lado ou de outro, como pretendia Mário. Ao contrário, é um movimento altamente selvagem: só "devorando" o estrangeiro invasor se conseguiria sobreviver como cultura própria.

Os postulados do manifesto desnudavam um país colonizado que se curvara ao estrangeiro. Denunciavam uma sociedade de rígida estrutura patriarcal, fortemente amarrada à realidade e conduzida por uma política social e econômica avessa a qualquer tipo de mudança. A

16 Cf. ANDRADE, Oswald. "Manifesto Pau-Brasil". In: _____. *Do Pau Brasil à Antropofagia e às Utopias*. 2 ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978, p. 10.

questão se coloca no sentido de escrever uma nova história a partir dos trópicos, visando a instauração de uma sociedade utópica com base no Matriarcado. Oswald era cético em relação à civilização ocidental, que produziu uma cultura Messiânica, responsável pelas ilusões que escravizam os homens.

Mário de Andrade, distante dos "contras" oswaldianos, persistia no seu elogio à vida, no conhecimento ligado à noção da alegria e, extremamente, sensível em buscar via-Brasil uma comunicação com as diferentes raças do mundo.

Dispondo de argumentos exatos contesta as idéias que não combinavam com as suas, Mário vai utilizar as cartas como um meio para esclarecer conceitos que, de outra forma, ficariam obscuros.

A Tristão de Athayde, por exemplo, diz que seu primitivismo não era de dicção, mas de sentimento. Não atacava a cultura e nem tirava o erro de português, que utilizava poeticamente, um efeito cômico, tal como fazia Oswald de Andrade. Com isso, queria dizer que ambos se utilizavam da ingenuidade e da simplicidade existentes na psicologia e no linguajar brasileiro com finalidades opostas: Oswald buscava o riso e a pilhéria; ele, ao contrário, procurava tirar do erro uma coisa "séria e organizada", fruto do documento e da pesquisa (17).

Em carta a Oneyda Alvarenga, 10-VII-32, Mário faz o elogio da vida, não dentro da erudição, como queria o Graça, nem dentro da ignorância, como Oswald, mas dentro da inocência: tudo o que for aprendido na escola da vida é bom e enriquece. Assim, o escritor justifica o título de *a menina boba* ou *a menina louca*, para a série de poemas curtos escritos por Oneyda. Diz ele:

"Você sabe como somos circunstanciados e cheios de mãos. Não sabemos gozar a vida, gozar o prazer de viver, gozar a vida esportiva. Você se põe de repente correndo, desvairada de perfume e de luz, e vai surpreender a glória de viver em comunhão com o rei, com o cipó, com o elefante e o ribeirão" (18).

No título proposto, ficava claro que a ingenuidade, o infantil e um certo primitivismo são formas positivas de vida, que de modo algum deveriam ser recalçadas. O caminho para o "saber-saber" implica

17 Carta de 23-XII-27 a Abreu de Amoroso Lima/Tristão de Athayde. In: *71 cartas de Mário de Andrade*. Coligidas e anotadas por Lygia Fernandes. Rio de Janeiro, São José, s.d. p.21-22.

18 Trecho da carta, p. 33.

numa maneira de harmonizar o saber popular, o prazer cerebral e o prazer corporal — numa comunhão nacional e igualitária.

Abolindo os antagonismos caem também as barreiras e Mário passa a buscar aqui uma comunhão universal de moços: é o Brasil junto com os outros, somando mais um no cômputo mundial das idéias, correndo, em nível de igualdade, com a grandeza da humanidade. Em carta a Carlos Drummond de Andrade (19), percebe que não existe oposição entre *nacionalismo e universalismo*. Existe, dizia ele, "mau nacionalismo" ou "regionalismo exótico", ambos ineficientes como expressão nacional. O segundo é forma estática e isolada, que não atinge o particular da situação brasileira e, socialmente, nada traz de novo, porque congela as deficiências vigentes.

Depois de ter escrito *Macunaíma*, o intelectual modernista vai organizar melhor seu pensamento sobre o tema num artigo intitulado "Regionalismo" (20). Lá afirma que o único conceito moral de nacionalidade é o da realidade nacional crítica, capaz de vencer a passividade do regionalismo que se restringe à descrição do circunstancial e geográfico. No entanto, o nacionalismo estético, procurado conscientemente, deveria existir apenas como fase inicial para um povo que tem sua arte ainda por estruturar. O segundo passo é evoluir para o universalismo que, na sua opinião, é um modo harmonioso de ser em união todas as demais etnias. É uma linha de pensamento conciliatória, que vê todas as raças como "acordes musicais" e o Brasil só precisava realizar o seu acorde para entrar na "harmonia da civilização". Não se tratava de querer nivelar, tentar ser igual ou ser superior. Era somar mais um, em nível de igualdade. A resposta parara o "abrasileiramento do brasileiro", portanto, significava abolir o apertado dilema: nacionalismo ou universalismo e acreditar na certeza de que:

"O dia em que nós formos brasileiros e só brasileiros a humanidade estará rica de mais uma raça, rica duma nova combinação de qualidades humanas. As raças são acordes musicais (...) Quando realizarmos o nosso acorde, então seremos usados na harmonia da civilização." (21)

É dentro dessa perspectiva que se situa a obra literária de Mário de Andrade. O artista tem consciência de sua união com a natureza inteira e, como homem dionisíaco que é, realiza e constrói, apesar do pessimismo e da dor, porque se sente identificado com tudo o que vive e sofre no mundo.

As cartas da década de 20 ajudam a pensar na relação entre tradição e ruptura, permanência e renovação. O espírito do Modernismo clama ainda pela atualização da inteligência brasileira e o direito per-

19 Carta sem data de 1924, p. 11-20.

20 ANDRADE, Mário de. Regionalismo. *Diário Nacional*. São Paulo, 14/02/1928.

21 Carta a Carlos Drummond de Andrade, p. 15.

manente à pesquisa estética. Mário de Andrade, como poucos intelectuais brasileiros, conseguiu manter acesa a chama da discussão e equidistante das atitudes simplistas e vulgares. Revoltou-se contra a estagnação cultural e todos os academicismos, não pregou a destruição do passado, indefinidamente. Combateu as idéias de fim-se-século de Anatole France e o preconceito elitista de Graça Aranha com convicção e conhecimento. Da mesma forma, não se acomodou nas hastes do Futurismo, do Dadaísmo e do Cubismo porque considerava infrutífera e repetitiva a revolta radical, entretanto, sabia que sem a cultura universal, a brasileira se tornaria provinciana, exótica ou, insuportavelmente, xenófoba.

O segredo de Mário de Andrade estava em não esquecer a interpretação que deve haver entre cultura européia e cultura nacional e em fugir da tentação de enaltecer a chamada cultura popular em detrimento da superior ou vice-versa. Modernizar o Brasil é inseri-lo na tradição dos nossos costumes, com crítica, sem escamotear ou enganar e, acima de tudo, sem alvidrar a virulência dialética que deve impregnar todo e qualquer espírito moderno, além da Semana de 1922.

Assim, pode-se constatar, no estudo da questão da "felicidade" e o projeto modernista, que a correspondência literária tem configurações particulares, oferecendo, portanto, material substancial para uma reflexão, de conteúdo ilimitado. O senhor das cartas, submetendo-se à visão de um destinatário escolhido, garante o trânsito, a aproximação ou o distanciamento com a matéria narrada. Com isso, o texto marcha pela verossimilhança, abre lacunas, se ficcionaliza...

ABSTRACT

MARIO DE ANDRADE'S CORRESPONDENCE AND THE QUESTION OF "HAPPINESS" IN THE MODERNIST CREDO

This work brings to the fore of literary discussion some themes dealt with in the letters of Mário de Andrade. In the reading of these epistle texts, one can find the history of Modernism, the question of "happiness" and the polemic with Graça Aranha and Oswald de Andrade. To take unawares and analyze such diversity is the aims of this research.

Keywords: Epistolography; Mário de Andrade's Correspondents; modernism; Nietzsche's Philosophy.



"Embu — 1941/Com Zora Braga e/ mulher Murilo Miranda" (1943/44?). Legenda de Mário de Andrade.